

Serviço à Sociedade e Criatividade



Eugenio Vlassa Monteiro

Professor da AESE e autor do Livro 'O Despertar da Índia'

Foi uma semana agitada: o Pingo Doce deu um 'golpe de mestre' que não deixou ninguém indiferente: condenaram - no uns sindicalistas, alguns jornalistas, os manifestantes do 1º de Maio, algum governante, mas também foi olhado com admiração por muitos outros.

Quando todos denunciam - os governantes, os

empresários, os desempregados - o pouco sentido empreendedor e criativo no nosso País, eis que surge uma ideia formidável que põe tudo em alvoroço. É pena que a reacção mais barulhenta fosse de condenação; tímida foi a aprovação ou felicitação. Merecia um agradecimento especial e um louvor altissonante! Na realidade, somos mais maldizentes, destrutivos, ameaçadores e invejosos do que positivos, apreciadores, louvando ideias originais e feitos. Vasco da Gama, hoje, teria sido valado, parece-me, de regresso a Lisboa, por se ter aventurado demais...

Se queremos fomentar criatividade, o que de melhor do que fez o Pingo Doce? Despertou o país da modorra, sem ideias de valor. É uma provocação que vai criar uma vaga de fundo de ideias, que virão à superfície:

1. As outras cadeias de retalho lançarão as suas réplicas (espero que ainda mais imaginativas) em bem dos mais pobres e dos outros cidadãos;

2. A Justiça, talvez melhore na sua actuação e rapidez, para encontrar alguma ponta por onde acusar e condenar. Talvez passe dos habituais 10 anos para julgar um caso, a apenas 5, o que será um 'ganho' importante.

3. Os manifestantes escolherão um sábado ou domingo, que não o primeiro dia do mês;

4. Os jornalistas do contra continuarão a encontrar motivos para crónicas mais duras. Os que estão a favor elogiarão, com serenos argumentos, impulsionando os bons empresários a fazerem mais das suas;

5. As televisões encontrarão motivos para fazer 'directos', dramatizando episódios ridículos transformando o telejornal num pesadelo.

Antes mesmo de quaisquer suspeitas este feito merecia um louvor. Os responsáveis da ideia, com centenas de lojas no país e no estrangeiro, terão negociado com os fornecedores: a compra, de uma só vez, de 5 a 10 vezes maior quantidade, os pagamentos quase imediatos (por exemplo, longe dos habituais 30 a 90 dias, ao haver perspectivas de entrar muito dinheiro). Além disso, a publicidade gerada iria evitar avultados gastos, e criaria forte liquidez pelas elevadas vendas esperadas, o que é importante quando os bancos estão falidos e não emprestam nada. Tudo isto, junto com a anulação da margem do próprio Pingo Doce, poderá ter dado para se vender a 50% do preço, sem dumping, nem espremendo o agricultor... Sendo assim, é um gesto de boa gestão e de filantropia sustentável. E se houver dúvidas, manda-se verificar que estava tudo dentro da lei; e se fosse o caso, tenta-se corrigir/regular melhor a lei.

Façam mais destas, porque os pobres agradecem e estão dispostos a passar o dia todo numa fila para poderem ter o seu 'pão de cada dia'. Muitos acharão que é 'humilhar os pobres', mas devem ser dos que vão aos 'gourmets'. O Pingo Doce está a potenciar a inovação social, tão importante para os próximos tempos. ■